

## **O DOCUMENTO CONCLUSIVO DE APARECIDA: DESAFIOS E ESPERANÇAS**

*A V Conferência Geral do Episcopado latino-americano e do Caribe consumou-se com a publicação do Documento de Aparecida. Os bispos delegados estiveram reunidos de 13 a 31 de maio, animados em seu trabalho “pela oração do povo católico” (3) num dos mais freqüentados santuários marianos do mundo. Diferentemente de Santo Domingo, há 15 anos, onde ficaram insulados, em Aparecida os membros da Conferência Geral experimentaram a intensa religiosidade do povo simples, fator, sem dúvida, decisivo nos posicionamentos, nos debates e nas decisões em Aparecida.*

*Diferentemente das anteriores Conferências Gerais, a de Aparecida foi antecipada por não desprezível mobilização de dioceses, comunidades religiosas, teólogos, na forma de reações ao Documento de Participação e da redação de uma Síntese das Contribuições. Mencionem-se ainda o acompanhamento de teólogos do grupo Ameríndia, a presença de peregrinos e a iniciativa da Tenda dos Mártires, como instâncias que tiveram repercussão, ainda que não se saiba em que medida, no próprio evento e em seu documento conclusivo.*

*Membros da Conferência houve que advogavam pela não confecção de um documento. Textos magisteriais já existem em demasia!, teriam repetido. Em todo caso, o Documento de Aparecida mostra-se como marco referencial desse grande evento eclesial ocorrido há poucos meses em nossas terras, e há de ser instrumento importante de animação pastoral na América latina e no Caribe nas próximas décadas.*

*Um documento conclusivo não tem – e nem pode ter – a pretensão de solucionar todos os problemas pastorais que se nos apresentam. Reúne, em certo número de páginas, retrospectiva e prospectiva, análise de contexto*

*e projeções para o futuro, inquietações e esperanças, desilusões e sonhos. Talvez estejam, paradoxalmente, a sua força e fraqueza na longa e ponderada enumeração de importantes e variadas questões, sem, porém, propiciar-lhes acurada análise.*

*Texto confeccionado a várias mãos com o esforço de conjugar mentalidades e perspectivas diversas termina por amaciar os conflitos e podar inspirações proféticas. Ele convoca a Igreja “a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (11). Responde ao insistente voto das bases eclesiais de voltar ao método ver-julgar-agir. Vê a realidade como “A vida de nossos povos hoje”; julga-a à luz de “A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários”; e incentiva a ação de levar “A vida de Jesus Cristo para nossos povos”.*

*Ao modo de estribilho, o Documento repisa constantemente o binômio discípulos e missionários, para se referir aos fiéis católicos. Entenderam os bispos que a pretendida Missão Continental na América latina e no Caribe radica na alegre experiência pessoal e comunitária de ser discípulo do Senhor Jesus (11; 287; 289; 297), seguida de sua transmissão mediante o testemunho (29; 55; 144; 211; 352; 368; 374d). As ideologias se revelaram incapazes de fornecer interpretação convincente da realidade que nos circunda, tal a sua complexidade (36; 52). Emerge a necessária experiência pessoal e comunitária de Jesus Cristo, até mesmo para que se supere a crise de sentido que marca a sociedade como um todo (37).*

*Cabe recordar a exortação dos Pais da Igreja aos fiéis a que não meramente imitem o Cristo, mas que o interiorizem, que o reconheçam como Mestre interior. Afinal, “todas as autênticas transformações frágua e se forjam no coração das pessoas e se irradiam em todas as dimensões de sua existência e convivência” (538). O texto explicita a centralidade da experiência de Cristo na vida do fiel (12; 31), - em pleno acordo com a Tradição eclesial -, embora a cristologia dominante subjacente ao documento careça de clara explicitação do Jesus histórico. Enfatiza-se a fé em Cristo, e não tanto a fé de Cristo, o autor e consumidor da fé (Hb 12,2). A cristologia “de baixo” continua necessária, se se quer, de fato, como afirma o Documento, proceder a uma evangelização que inclui “a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã” (146; 359).*

*A evocação evangélica do início da Igreja enquanto grupo de discípulos reunidos em torno de Jesus é iluminadora e sugestiva (21; 136; 139), pois para o cumprimento da missão é necessário “partir de Cristo” (41; 549). Aliás, o incentivo à “catequese mistagógica” na formação do cristão (290) sugere o alvissareiro empenho da Igreja por superar a catequese de simples assimilação de conteúdo teórico e frio (226c) e a prática religiosa de mera participação ocasional nos sacramentos (12). Quanto à formação dos*

presbíteros, à clássica preparação nos campos da filosofia, das ciências humanas e da teologia, acrescenta-se aquele da missiologia (323). O texto pede “pastoral decididamente missionária” além da “pastoral de mera conservação” (370). A inquietação dos bispos com relação à missão leva-os a perguntarem-se pelos métodos de proselitismo praticado por grupos religiosos evangélicos neopentecostais. Optam por uma “Igreja (que) cresce, não por proselitismo mas ‘por atração’” (159), repetindo palavras do Papa Bento XVI. O documento propõe quatro “eixos” para a ação pastoral da Igreja no Continente: “a experiência religiosa”, “a vivência comunitária”, “a formação bíblico-doutrinal” e “o compromisso missionário de toda a comunidade” (226).

Pesa forte a preocupação pela “identidade católica” (13; 297; 337). Fala-se em “povo católico” (3), “tradição católica” (7; 8; 527), “raízes católicas” (7), “fé católica” (12; 187; 258; 359), “modo de ser católico” (13), “traduções católicas da Bíblia” (94), “educação católica” (335), “inspiração católica” (486i), “meios de comunicação católicos” (497b), “pensamento católico” (498), “centros culturais católicos” (500), “líderes católicos” (502). Só assim, pensam os bispos, a Igreja católica enfrentará os desafios da atualidade. Valorizam-se a religiosidade popular em nosso Continente (37; 93; 127; 258; 261; 263; 264; 549), sob o nome de “catolicismo popular” (258), a “sabedoria sobrenatural” (263) de nossos fiéis e o riquíssimo patrimônio religioso em nossas terras, no qual se destaca a devoção à Mãe de Deus (37; 43; 261; 262; 265; 266; 267; 269; 270; 272), sem deixar de se alertar que tal piedade remete a Jesus Cristo, em torno de quem nossos povos são integrados (265). A insistência na identidade católica revela preocupação em face das vigorosas ondas de neopentecostalismo que agitam os fiéis em nossas terras. Paga-se, porém, o preço de dificultar o diálogo ecumênico em âmbito latino-americano e caribenho. Embora a consciência da identidade pertença ao diálogo, contudo excessiva delimitação do “ser católico” constrange as demais confissões cristãs, desejosas de perseverar no árduo caminho do ecumenismo.

A propósito do ecumenismo, os bispos insistiram na necessária qualificação de mais agentes de diálogo ecumênico (231) e alertaram para que não se confundam “ecumenismo” e “diálogo inter-religioso” (232). Tal imprecisão na delimitação dos campos de um e de outro tem-se mostrado desserviço tanto à causa da unidade visível das confissões cristãs quanto ao entendimento entre os que professam distintos credos religiosos. Há explícito apoio à “colaboração mútua com outras comunidades cristãs” na promoção da vida em nosso Continente (401). Relembra que “é bom tornar mais conhecidas as declarações que a própria Igreja Católica tem subscrito no campo do ecumenismo desde o Concílio” (231) a fim de captar melhor os problemas levantados pelo diálogo teológico ecumênico e de perceber o *sensus fidelium* implicado na delicada e urgente tarefa ecumênica.

Ponto luminoso do Documento é a reafirmação clara e sem rodeios da opção preferencial pelos pobres (128; 257; 334; 337; 338; 354; 362; 372; 391; 395; 396; 397; 398; 399; 409; 491), retomada de Medellín. “A Igreja é morada de povos irmãos e casa dos pobres” (8; 188; 272), e deve ser “Igreja samaritana” (26; 176). Esta opção “está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”, disse Bento XVI no Discurso Inaugural da Conferência (392). Denuncia-se o escândalo de ter o Continente latino-americano o maior número de católicos (43%) e de ser, ao mesmo tempo, o de maior iniquidade social (527) e econômica (385). Além da pobreza propriamente econômica, reconhece-se nova forma de pobreza no Continente, a saber, “a pobreza de conhecimento e do uso e acesso a novas tecnologias” (62; 402; 490).

Belas passagens referem-se à Eucaristia como “a celebração central da Igreja” (25; 99b; 128; 153; 175; 305), “lugar privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo” (251; 252) e “fonte e cume de toda atividade missionária” (363). No entanto, ao apontar para a escassez de presbíteros e sua má distribuição que “impossibilitam muitíssimas comunidades de participar regularmente da celebração da Eucaristia” (100e), o Documento não ousa abordar na raiz a grave questão dos ministérios, a qual não se reduz, naturalmente, ao mero orar pelas vocações sacerdotais (253). A corajosa proposta dos Bispos do Brasil de reincorporar ao ministério presbíteros laicizados nem foi levada em consideração.

As profundas transformações da cidade provocaram a reflexão sobre a renovação das paróquias (513) na linha do modelo de redes de comunidades (172; 179; 180; 309; 517e), ao promoverem-se assim a “setorização em unidades territoriais menores” (372) e a descentralização dos serviços eclesiais (518n). As CEBs são vistas como “escolas que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé”, a tal ponto que membros delas têm experimentado o martírio (178). Mais. Os bispos se perguntam sobre os “novos ministérios, novas associações, grupos, comunidades e movimentos” (513; 311; 312; 313). Como integrar todas essas realidades numa “espiritualidade de comunhão” (307)? Aí estão enormes desafios eclesiológicos!

A radical mudança da sociedade desde a Conferência de Santo Domingo mereceu especial atenção (16; 33; 34). Sobressai o fenômeno da globalização com valores e ambigüidades (43; 57; 60; 61; 66; 523); propõe-se a promoção de uma “globalização diferente”, que faça “da América latina e do Caribe não só o Continente da esperança, mas também o Continente do amor” (64; 543). Apesar de se lamentar o fato de que o aspecto mais exitoso da globalização seja o econômico (61), no entanto não se denuncia explicitamente o capitalismo neoliberal. Merece relevo o tema novo da preocupação com a questão ecológica (84; 471), no conjunto da qual se atenta à necessária preservação da Amazônia (85; 86).

A pesquisa teológica ganha importância na função de traduzir a fé “em linguagem significativa para estes tempos” (341). Incentivam-se os Institutos de Teologia e Pastoral “orientados para a formação e atualização de agentes de pastoral” (344). Fomenta-se “a reflexão filosófica, teológica e pastoral [...], a fim de fortalecer nossa própria identidade, desenvolver a criatividade pastoral e potencializar o que é nosso” (345). Propõe-se que a teologia interaja com as ciências sociais (124). Não haveria aqui um estímulo a que se continue a praticar entre nós uma reflexão teológica que assuma mais e mais um rosto latino-americano e caribenho?

A vida interna da Igreja latino-americana pede o estreitamento dos laços entre os bispos do Continente favorecido pelo CELAM (183) e o relacionamento com os demais episcopados de todo o orbe (544). Tal natural aspiração se fortaleceu pelo exercício da colegialidade episcopal praticado na Conferência de Aparecida e aponta para o necessário redimensionamento das estruturas de comunhão universal da Igreja, o qual por meio de atualizante adaptação aos tempos modernos encontraria inspiração nos mecanismos de intercâmbio eclesial entre as sés patriarcais na Antigüidade.

Apesar da liberdade de expressão de que gozaram os bispos delegados na Conferência de Aparecida, sobretudo se a compararmos àquela de Santo Domingo, o texto deixa transparecer dependência submissa do Episcopado latino-americano e caribenho em relação ao Bispo de Roma por meio de inúmeras citações dos dois últimos pontífices, revelando o peso do ministério petrino cujo exercício o próprio papa João Paulo II ousara pedir na encíclica *Ut Unum sint* que se repensasse. Ao Bispo de Roma, Cabeça do colégio episcopal, toca, de acordo com a mais lídima Tradição eclesial, a responsabilidade de “presidir as Igrejas na caridade” (Inácio de Antioquia), dado aliás mencionado pelo Documento (166), o que implica uma relação de maior confiança entre a Sé romana e os episcopados regionais. Ora, recuperar o tradicional primado de honra exercido pelo Bispo de Roma não seria enfraquecer o seu ministério, antes o fortaleceria, já que a madura co-responsabilidade de todos os bispos no governo da Igreja de Cristo tornaria a comunhão eclesial sólida e fecunda.

Inúmeras questões debatidas pelos bispos não se viram contempladas no documento conclusivo e outras importantes nem foram discutidas ou receberam formulações enfraquecidas. Os limites e as lacunas desafiam a reflexão teológica e a criatividade pastoral de todos nós, fiéis e pastores. Exigem “o exercício de uma ‘imaginação da caridade’” (537). “O destino do mundo depende de nossa competência para sermos testemunhas de Pentecostes, e também depende de nossa caridade criativa diante da dimensão infernal deste mesmo mundo” (P. Евдокимов).

O Documento de Aparecida quer ser um instrumento de trabalho para que avancemos para o fundo da nossa realidade (cf. Lc 5,4), e aí, sejamos dis-

*cípulos e missionários de Jesus Cristo. Se o fizermos com confiança no Espírito de Cristo, as necessárias mudanças acontecerão na Igreja e na sociedade latino-americana e caribenha. A transmissão da fé urge o abandono de “ultrapassadas estruturas” (365) e que “uma renovação eclesial [...] implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais” (367). Na Igreja, a “acumulação de micro-mutações alimenta as grandes mudanças” (Y. Congar).*

*O Documento conclusivo é, ao mesmo tempo, programático. As soluções dos problemas por ele apontados serão encontradas não magicamente, mas se darão no processo de sua recepção por todo o Povo de Deus que peregrina na América latina e no Caribe. A tarefa toca a todos nós.*